

## ALÉM

SIM

**Hugo de Almeida Souza**

Curso de Comunicação Social da FAFICH

O pão estava tão gostoso essa manhã que fiquei mais tempo na mesa. Pretendia olhar uns papéis velhos acumulados há vários anos numa gaveta desarrumada e dar uma forma talvez literária neles. Além continuou dormindo, como agora — ela está ali, a poucos passos — semi-coberta por um lençol estampado (virol, segundo ela) deixando aparecer a perna esquerda e um dos seios. Pequeno e perfeito. Além do pão gostoso, havia também um cacho de bananas maçãs maduras que perfumavam a pequena copa-cozinha desse nosso apartamento alugado. E como hoje é sábado e estou de folga, fiquei ali, na mesa. Comi duas ou três bananas e fiquei observando e sentindo tudo o que me cercava. Há muito tempo eu não fazia isso. Diariamente acordo e mal engulo o café e saio já atrasado. Conheço pouco a minha casa. Então permaneci olhando aquilo tudo (que é quase nada, mas me é caro) que me pertence — as três cadeiras (uma sempre vaga, porque Manhã está com cinco meses), a mesa redonda, a geladeira quase vazia, o fogão desligado, a parede opaca — e por um bom tempo esqueci-me de meu plano literário para hoje. Manhã choramingou, fui vê-la. Dormia novamente, tranqüila.

Gastei o resto do dia em tarefas caseiras, com Além que levantou pouco depois e se queixou porque não a havia acordado. Queria fazer o café pra mim. Hoje é dia de Jan receber

Thereza, por isso não fui visitá-lo. Li jornal quase o dia inteiro, ouvi rádio, ajudei Além a olhar Manhã, dei até um passeio com ela lá fora, até a esquina do bar. No momento um homem olhava o carro novo de um amigo e comentou: «Quem me dera se o meu tivesse tanto ponteiro assim.» Fiz as contas de sempre: condução, aluguel, feira, luz, — subtraí do salário, faltou bastante — e beijei Além. Ela sorriu e eu rasguei as contas.

Agora — é madrugada — levantei com o barulho da chuva na janela e penso em organizar aqueles velhos papéis: cartas minhas e de Além, de meus avós, de amigos, anotações antigas, pedaços de impressos curiosos — tudo lembrança de uma época feliz. Ou quase tudo. Ao mesmo tempo que me vêm agora recordações de minha adolescência, minha vida na casa de meus pais, meu tempo de colégio e tudo isso posso também misturar àqueles velhos papéis e, se a madrugada for amiga, pode até surgir alguma coisa boa.

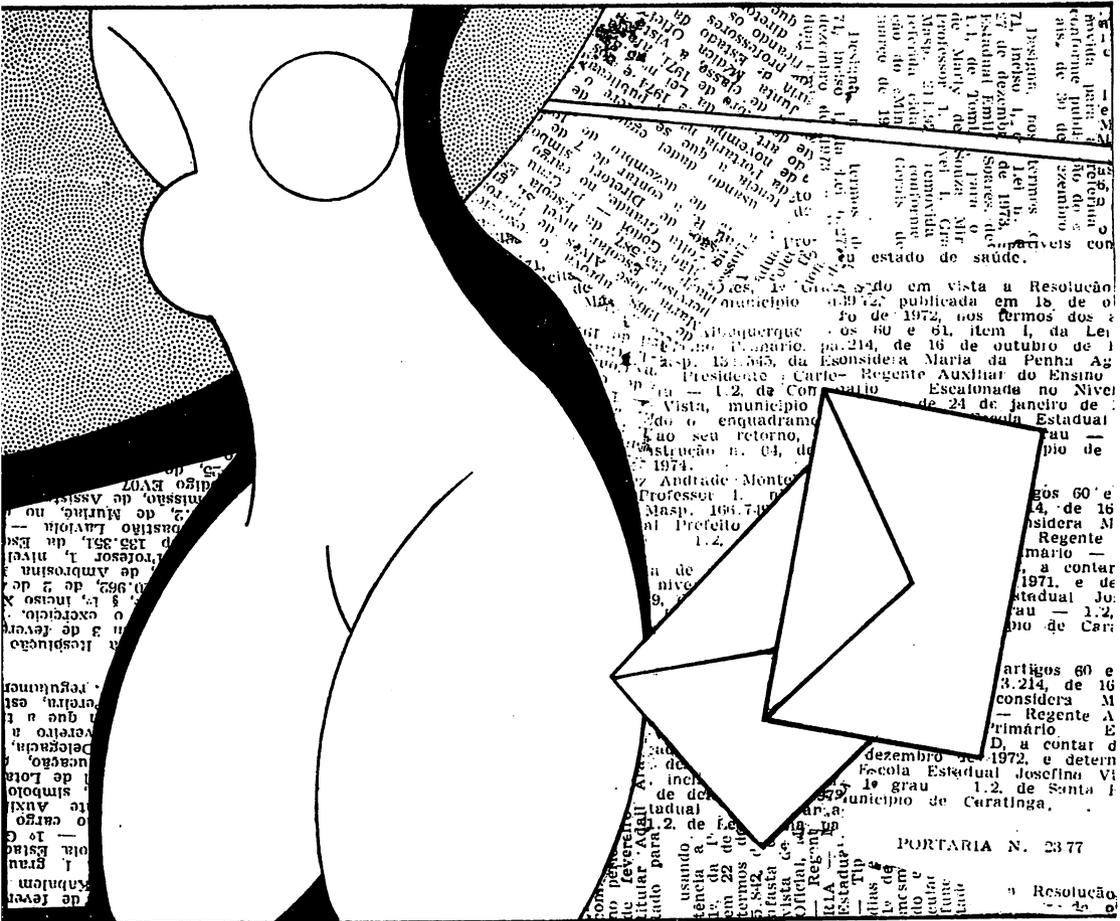
Temo, porém, acordar Manhã, que dorme no outro quarto, e minha mulher, aqui, pertinho de mim, principalmente porque ela não gosta que eu escreva à noite.

— Mas quando eu vou escrever, Além ?

Apesar de ela já ter dito, também, que eu batendo máquina pareço executar algum instrumento musical. Conversa de Além. Sei que música acorda. Ou pode influenciar no sonho — li isso uma vez. Olha, agora ela mexeu. Mas creio que foi porque o barulho da chuva cessou. Cobriu a perna morena e ficou à mostra todo o seu corpo de cintura para cima. O virol embolado, sobre as pernas apenas. Gosto de vê-la assim, dormindo, feliz, nua.

Trouxe os papéis. Estão aqui, ao lado da máquina, dessa velha máquina que já escreveu tanta coisa pra mim. Como eu gosto desses papéis, dessas cartas, dessas fotos em que não apareço e de tudo isso que me faz reviver um passado recente e bom. Ou bem antigo.

Gosto muito, por exemplo, desse exemplar de **O Fluminense**, de 1889, reproduzido em papel craft. Número histórico.



Nictheroy — Domingo, 17 de novembro de 1889

## NOTICIARIO

### REPUBLICA FEDERATIVA BRAZILEIRA

Em virtude de ordens violentas do ex-governo, reuniu-se, antehontem, a força do exercito que havia na capital do Brazil, depondo o ministerio e prendendo o Visconde de Ouro Preto e o Conselheiro Candido de Oliveira.

Foi acompanhado no seu acto pelas forças de mar, pela de policia e de bombeiros.

Durante estes acontecimentos, tendo resistido á prisão o Barão do Ladário, ex-ministro da Marinha, recebeu vários ferimentos de espada e de arma de fogo.

Após isto, foi proclamada a Republica Federativa Brasileira e nomeado o Governo Provisorio.

---

Eis a proclamação do governo Provisorio.

«Concidadãos !

O povo, o exercito e a armada nacional, em perfeita communhão de sentimentos com os nossos concidadãos residentes nas provincias, acabam de decretar a deposição da dynastia imperial e consequentemente a extincção do systema monarchico representativo.

Como resultado immediato desta revolução nacional, de character essencialmente patriotico, acaba de ser instituido um governo provisorio, cuja principal missão é garantir com a ordem publica a liberdade e os direitos dos cidadãos.

Para comporem esse governo, emquanto a nação soberana, pelos seus órgãos competentes não proceder á escolha do governo definitivo, foram nomeados pelo chefe do poder executivo da nação os cidadãos abaixo assignados.

Concidadãos !

O governo provisorio, simples agente temporario da soberania nacional, é o governo da paz, da liberdade, da fraternidade e da ordem.

No uso das attribuições e faculdades extraordinárias de que se acha investido para a defesa da integridade da Patria e da ordem publica, o governo provisorio, por todos os meios ao seu alcance, promette e garante a todos os habitantes do Brasil, nacionaes e estrangeiros, a segurança da vida e da propriedade, o respeito aos direitos individuaes e politicos, salvas, quanto a estes, as limitações exigidas pelo bem da Patria e pela legitima defesa do governo proclamado, pelo exercito, pela armada nacional.

Concidadãos !

As funcções da justiça ordinaria, bem como as funcções da administração civil e militar, continuarão a ser exercidas pelos orgãos até aqui existentes, com relação aos actos na plenitude dos seus effeitos; com relação; com relação ás pessoas, respeitadas as vantagens e os direitos adquiridos por cada funcionario.

Fica, porém, abolida, desde já, a vitaliciedade do Senado e bem assim abolido o Conselho de Estado. Fica dissolvida a Camara dos Deputados.

Concidadãos !

O governo provisorio reconhece e acata todos os compromissos nacionaes contrahidos durante o regimen anterior, os tratados subsistentes com as potencias estrangeiras, a divida publica externa e interna, os contratos vigentes e mais obrigações legalmente estatuidas.

Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisorio.

Aristides da Silveira Lobo, ministro do interior.

Ruy Barbosa, ministro da fazenda e interinamente da justiça.

Tenente-coronel Benjamin Constant Botelho de Magalhães, ministro da guerra.

Chefe de esquadra Eduardo Wandencolk, ministro da marinha.

Quintino Bocayuva, ministro das relações exteriores e interinamente da agricultura, commercio e obras publicas.

Segue-se o programma de novo governo..

O programa do novo governo resume-se n'estas idéas capitaes:

Restauração da liberdade;

Constituição plena da democracia;

Inauguração da Republica Federal;

Garantia rigorosa da propriedade e do credito nacional;

Manutenção dos funcionarios, que continuarem a bem servir;

Repressão absoluta e implacavel da desordem.

Quase toda a primeira página — são quatro — desse número 1786 de **O Fluminense** trata da «inauguração da Republica Federal», que começa assim:

«Em consequencia da extraordinaria e injusta pressão que ha alguns annos a esta parte e especialmente nestes ultimos mezes foi exercida pelo governo geral sobre o brioso exercito brasileiro, tão cheio de serviços á Patria, operou-se um movimento dos militares feridos em seus brios, determinando esse facto a constituição de um Governo Provisorio e a deposição da dynastia que reinava.»

Isso em duas colunas, ocupando quase dois terços em altura do jornal. Depois vem o «Noticiario» que reproduzi em parte. E o mais curioso está embaixo, na «Chronica», intitulada «De alto a baixo».

«Facto que causou dolorosa impressão durante a semana, foi a prohibição do Sr. Bispo Diocesano, para que não rezassem missas por alma do finado Conselheiro Vieira da Silva.

«Conquanto essa prohibição não fosse claramente expressa, não resta duvida que foi formulda, desde que S. Ex. Revm. lembrou aos sacerdotes debaixo de sua jurisdicção — que a Igreja nega honras funebres aos maçoes e que elles deviam cumprir o seu dever.»

As três primeiras colunas tratam da «proibição» da missa, e somente na quarta é lembrado o «facto capital da semana». Lindo texto.

«O facto capital da semana foi porém o ultimo, occorrido no dia 15. O Brazil amanheceu Imperio e anoiteceu Republica.»

Gostaria de reproduzir toda a «Chronica» mas esses papéis todos me convidam a novas viagens mais recentes. Antes:

«João Antonio da Silva e seus filhos, confessam-se extremamente agradecidos a todas as pessoas que acompanharam o enterro de sua companheira e mãe Facunda Augusta da Silva, e de novo convidam as mesmas pessoas para a missa de 7º dia que por alma da finada será rezada na igreja de S. João Baptista, segunda-feira, 18 do corrente, ás 8 ½ horas, confessando se gratos a todos que comparecerem a esse acto religioso.»

Uma vez escrevi para Além: Minha vontade é de ficar aqui, horas seguida, tentando dizer, devagar e detalhadamente, o que tem acontecido. Mas, você sabe a minha situação agora. Daqui a pouco vou almoçar — almoço cada dia mais cedo e menos — sair correndo (passageiro de táxi) para o jornal e não tenho horário para voltar ou comer novamente. Ontem fiquei lá até dez e meia. (Minhas cartas rápidas, apressadas, de repórter. Ela sempre tranqüila:

Ô coração... Ô Tolação...

Primeiro de tudo, um beijinho na ponta do nariz. Acertei?

Segundo de tudo, um risão do tamanho do mundo, porque hoje é nosso dia. Meu, seu, de todo mundo que foi criança um dia, de todo mundo que é criança uma vida inteira, de todo mundo que ao lembrar das traquinices d'outrora diz com uma ponta de saudade. Diz: É um tempo que não volta mais. Antes de te falar de outras coisas, mil outras coisas, deixa eu falar de criança, deixa eu falar um pouco de mim, hoje, tá?/ Um minutinho só./ Você? Imagine, você no telefone. Que bom, Sim. Cada dia que passa a saudade aumenta mais, e eu te gosto com mais vontade. Agora eu não consigo mais

concentrar-me aqui, tenho que dar um tempo e pensar em você (sem escrever), no que disse há pouco tempo e no que falei também, há pouco tempo. Só um tempinho, um tempinho só pra te imaginar aí, lendo?, dormindo?, acordado?, cansado? Te imaginar. Dez minutos de sonho, ao vivo.

Além continua dormindo. A chuva voltou mais forte. O que Além está sonhando?

Voltemos à carta, ou melhor, ao que ia dizendo. Pois é, como te falei antes e depois também pelo telefone, há muito não me me extravasava tanto em risos, cansaço infantil. Olha que hoje brinquei novamente (apesar disso não ser muito raro pra mim), corri, bati bola, rodei, fiquei tonta, balancei em gangorra, arrumei casinha, com uma porção de crianças-legítimas (eu também não sou uma criança legítima?). É, fiz tudo isso como se tudo isso ainda existisse, e existe sim. Sabe amor, aquele barulho, aquela correria, aquelas quedas proposítas e sem defesa alguma, aquilo tudo parecia estar esperando um dia «D», um momento «a mais» para explodir, voar de dentro de mim. É próprio de criança isso, eu sei. Depois de tudo, veja bem, depois de já estar um tanto suada de tanto correr e falar, falar e correr, fui ter-me com meus objetos (pois teria aula dali a uns trinta minutos mais ou menos) num corredor comprido e arejado. Que delícia, como eu estava cansada, como eu estava feliz. Ali sim, naquele silêncio comprido como o lugar, pude notar a dimensão da minha alegria, do meu riso há muito limitado. Um gravador, uma tomada e uma «Viagem ao Centro da Terra» (Rick Wakemann), uma folha ou melhor duas (brancas?), uma caneta e uma vontade louca de ficar comigo por algum tempo. O colégio em aula parecia prolongar inda mais aquele silêncio de descoberta, de paz, de alívio, de sonho, de viagem, de tudo, meu amor, tudo. Se você estivesse ali, naquela hora, juro como ia ganhar o abraço e o beijo mais puros de toda sua vida. Uma mistura de infância, adolescência, juventude, uma mistura quase irreal de tanta coisa, que me perdi. Uma viagem

ao centro da terra? Uma viagem. As crianças lá fora viajam também em seus velocípedes, seus carrinhos de pedal, suas carrocinhas, seus trenzinhos, suas pernas ainda por crescer. Ainda por crescer. Quase tudo parece ainda por crescer. Os arranjos instrumentais do Wakemann são ruidosos e brandos e se espalham pelo todo corredor diferente, arejado e não frio. Agora sim, posso afirmar que as paredes não são tão frias e hostis como dizem os grandes. As portas fechadas parecem guardar o segredo das pessoas que por elas passam todos os dias. Cada lâmpada apagada encarava uma vidraça aberta, ou fechada? Não importa. Quero falar sim, do piso fresco e arejado. Quero falar sim, do corredor comprido e das paredes que nada têm de frias e hostis. Quero lembrar do silêncio e da música imprecisa do W. Da minha alegria e do meu amor (com 2 emes) pela criança que guardo comigo. Quero agradecer a você por estar me ouvindo. Quero ainda agora, por volta das onze e noturnas horas, dar mais um sorriso de criança, mais um olhar de adolescente e um silêncio comprido como o corredor, de jovem, louca de amor por você.

Reli as últimas linhas (Além tinha 17 anos — acabava de revelar-se em minha autora predileta) e tive vontade de acordá-la. Além, venha ver o que você escreveu! Ela dorme (criança feliz?), agora toda coberta. Criança que pensa:

Querido...

Hoje, uma sexta-feira horrível para mim. Mistura de cansaço, chateação, dor de cabeça, péssimo humor e uma série de outras coisas que não levam a nada ou levam a muito, ainda não sei. Estou aproveitando um horário vago (de enfermagem) e escrevendo para você. Escrevendo ou descrevendo? Que pergunta tola!

Hoje, 8 de outubro de 1976 (d.C.), continua sendo um dia horrível para mim. Tanto que nem ia escrever pra você, pensei puxa vida, ele lá cansado ao extremo, cheio de problemas (que nunca deixam de surgir mesmo), louco por fim de semana tranquilo, leve, chego eu com tolices que apesar de

serem válidas, mas não deixem de, no fundo, ser tolices: Ontem pensei comigo: amanhã, tenho certeza, vou amanhecer ótima. Tudo errado. Hoje, pior ainda. E daí? Que bobagem. Por que essa tragédia toda, por quê?

### MINHA EULINA,

Comemorando ao longe do teu Santo convívio o aniversário do nosso feliz consórcio mando-te por estas linhas os meus mais ternos afetos, ao tempo em que invoco a proteção de Deus pela continuação de nossa felicidade.

A todos os nossos filhos minhas lembranças e carícias e bons desejos.

Apertados abraços e beijos do teu d'alma e do coração.

**Totonio**

**29-9-1931**

Papai guarda com carinho o original dessa carta e eu tenho uma cópia xerografada — fiel reprodução da bela caligrafia de meu avô.

Demorei bastante mas voltei agora descansado e com tempo: estou de férias da Escola, em casa: e a manhã é sua. Nossa.

(Foi dessa carta que surgiu o nome de nossa filha. Idéia de Além. A chuva está piorando. Parece que isso ajuda minha mulher dormir. Então posso continuar aqui, com a luz acesa, relendo esses papéis velhos).

Em meu quarto — como gosto deste quarto — há silêncio aqui dentro e escassos ruídos lá fora (ônibus freiando, carro passando, alguém — talvez uma criança — brinca num quintal próximo com qualquer coisa de madeira, um ou outro passarinho), depois de muito tempo sem um momento tranquilo como esse, aqui estou para te dizer novamente e com alegria:

Às vezes não gosto de reler as minhas próprias cartas, e ainda que Além tenha marcado várias delas, em alguns trechos, difficilmente tenho coragem de relê-las. Gosto mais dos escritos alheios. Por que a gente gosta de ler a correspondência alheia?

«A nossa língua portugueza é branda para deleitar grave para engrandecer, efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, e accommodada ás materias mais importantes da pratica e escriptura. Para fallar é engraçada, com um modo senhoril. Para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a musica. Para prégear é substanciosa, com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças. Para escrever as cartas, nem tem infinita copia que damne, nem brevidade esterial que a limite. Para historias, nem é tão florida que se derrame, nem tão secca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céo da boca com aspereza, nem a arrancar as palavras com vehemencia do gargalo; escreve-se da maneira que se lê e assim se falla. Tem de todas as linguas amelhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana; tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares, em fé da sua antiguidade. E se à lingua hebrêa, pelo honestidade das palavras, chamaram santa, certo que não sei eu outra que tanto fuja de palavras claras em materia descomposta, quanto a nossa. E para que diga tudo, só um mal tem, e é que pelo pouco que lhe querem os seus naturaes, a trazem mais remendada que a capa de pedintes.»

### **Leituras Litterarias**

#### **Dotes da lingua portugueza**

F, Rodrigues Lobo — Côrte na aldeia  
(Ao bem pelo bello-curso secundario,  
Rio de Janeiro, 1923).

As palavras me agradam bastante, confesso, mas a vida lá fora — e muitas vezes aqui dentro — me atraem mais.

Ontem mesmo, vejam que absurdo, quando cheguei à janela tirando a gravata vi a mulher gorda e feia do terceiro andar. Os seios enormes, deformados, maiores que a cabeça. E me lembrei de Tânia, que trabalhou lá em casa muito tempo. Foi minha primeira mulher. As brincadeiras, os abraços pelas costas, os primeiros convites temerosos, até o descontrole total: ela trêmula, pernas abertas, a saia levantada e me abraçando no seu quarto ou no banheiro de empregada. Eu entrava primeiro, ficava atrás da porta, depois ela vinha. Tânia, os seios para sempre marcados por meus dentes da adolescência. Os olhos muito abertos, como os de Além. Depois a mudança, a ausência, o vazio nunca mais preenchido até conhecer Além.

### MEUS PAIS,

Uma ótima chapa: junto a mim o nosso prof. particular de matemática. Este é um dos maiores amigos que tenho. Na outra ponta o Rafael, que até 10 deste viveu aqui; julgavam que fosse meu irmão. Andávamos juntos, desde a viagem de trem quando viemos para aqui. — No segundo plano e só, um doutorando em veterinária. É atualmente meu companheiro de apartamento. — Estou procurando melhorar em todo sentido.

Prudente

15-5-38

Outro dia mesmo eu assisti a uma cirurgia, com massagens cardíacas, controle cardíaco (aqueles aparelhos todos ligados — monitores — quer dizer, no pré-operatório) numa criança de 11 anos. Precisa ver a tensão, o silêncio horrível naquela sala; todos atentos para as «mãos decisivas» do cirurgião, cada movimento é cronometrado e altamente fatal, cada gesto no olhar por detrás daquela máscara, tudo em seus devidos lugares, todos na expectativa maior de um milagre. No final, quase no final, o cirurgião confere o aparelho com uma

olhadela e tudo perdido, batidas lentas (bradicardia), cansadas, diminuídas, finalizadas.

O menino morreu.

Uma morte a mais naquele hospital. Frustrante, não?, para aquele famoso médico que estudou seis anos, aperfeiçoou três ou quatro e, numa fração de segundos, perdeu uma vida em suas mãos.

Estou aproveitando alguns minutos de folga aqui no colégio para te escrever, é tanto que deve ter notado a letra pequena e inconstante, confusa até, pois o lugar aqui está super incômodo (em cima de uma janela — aquela da roseira).

### Falecimentos

**Oduvaldo Barbosa de Andrade**, aos 18 anos, na sala de indigente do Hospital Getúlio Vargas, em Teresina. Trabalhava com inseticidas — principalmente NPK (fosfato triplo) e Nematicida — nos fins de semana, no solo do Colégio Experimental Agrícola do Piauí, em troca de comida e hospedagem e sem nenhuma proteção para as mãos. A intoxicação provocou anemia aplasmática e as esperanças de salvá-lo foram desfeitas há duas semanas, segundo os médicos do Hospital Getúlio Vargas. Seus colegas ofereceram sangue para contínuas transfusões feitas até ontem, todas, entretanto, rejeitadas pelo organismo definitivamente intoxicado. Esteve consciente até sexta-feira, quando reclamou estar abandonado pelos médicos, que o deixaram a cuidado de acadêmicos. Era filho de Etelvina Andrade, viúva e verdureira no mercado de Floriano, que não pôde assistir à morte do filho porque o regulamento do hospital não permite além de uma pessoa ao lado do paciente. Os médicos e enfermeiras de plantão não atenderam aos apelos e, ao morrer, Oduvaldo teve a seu lado somente o irmão, Manuel. O hospital explicou, depois, que a presença física de qualquer funcionário de nada adiantaria, pois o estudante estava definitivamente condenado. Oduvaldo será sepultado em Floriano, a 185 km de Teresina, onde morava. Tinha cinco irmãos.

Galeão (Rio) 22 de setembro de 1976, 20h5

Além, meu amor,

Agora, é talvez o meu momento de maior tranquilidade; folga (uma folga mínima), nas últimas 24 horas.

Aguardo o chamado para o embarque, de pé, encostado num balcão, onde escrevo sobre uma pequena pilha de três livros (um que trouxe e dois que o Ronaldo me deu) e mais a «Status» trazendo o conto do Luiz. Reli (agora impresso) o depoimento dele. Talvez durante a viagem releia o conto. Posso também rabiscar qualquer coisa para você e temo que, diante de situações novas e bonitas, use as mesmas palavras de sempre.

Tenho no bolso uns três outros cartões destes, pretendo preenchê-los no avião para você.

Sabe, se eu fosse (se conseguisse e tivesse tempo) escrever tudo o que aconteceu comigo de ontem pra hoje sairia, com certeza, uma pequena obra literária. Tudo o que vi, ouvi, senti etc. Você sabe, não é, Além?

Está quente e visto paletó. Absurdo. Mas ele não caberia na pequena maleta de mão de meu pai que trouxe. Suporto, então, esse calor. No avião eu tiro.

Querida, tenho pensado, embora sempre de relâmpago (as coisas não permitem uma concentração maior, duradoura), tenho pensado muito em mim, em minha vida, no que está acontecendo comigo ultimamente. Sei que você sabe.

E você está dentro de tudo isso. E (como você gosta de falar) como está.

Felicidade. Isso, é o que tenho hoje. Junto com você, mesmo longe e quase partindo (os momentos precedentes a viagem dão uma saudade na gente, não é?). Até já, amor, dentro do avião.

Taí, Além. Quando acabei de escrever o outro cartão, preparava-me para embarcar e, logo em seguida, anunciaram no alto-falante: o vôo foi adiado para às 21h30. O problema é que estou com fome (vamos à Cantina Sta. Rita?)

Agora estou assentado. Viu como a minha letra melhorou? Outro motivo é o tempo maior. Esse aeroporto aqui está sendo usado provisoriamente enquanto o Internacional não

fica pronto: uma beleza, pelo que vi ontem à noite, quando cheguei. E pelo que já li a respeito. Nós ainda vamos frequentar muito isso aqui, e o novo, e outros, em outras cidades, países, planetas.

Talvez fosse bom eu te mandar um cartão do Rio, mas além de não encontrar nenhum que retratasse sua verdadeira beleza, a cada dia penso que cartão é bobagem. Ou não é?

O táxi levou uma hora, quinze minutos e oitenta e cinco cruzeiros do hotel aqui.

Na saída do apartamento, remexendo nas gavetas, encontrei papel e envelope com timbre do hotel. (Antes havia encontrado apenas uma bíblia de capa dura, daquelas que vendem de porta em porta). Pretendo usá-los (papel e envelope) em BH, escrevendo para você. Bobagem? Pelo menos economia é. Bobagem.

Não se preocupe com as misturas, acho difícil agora coordenar as idéias (frases) direito. Ainda mais com essa fome.

Claro que vou comer alguma coisa. E já.

Amor, estou no avião agora (21h22).

Sabe o que aconteceu logo depois que fiz o lanche acima? Procurei um lugar para assentar e encontrei o Prefeito Luiz Verano, de BH. Veio ao Rio para uma reunião «de rotina» da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Conversamos bastante (ele lia «Balão Cativo», volume dois das memórias de Pedro Nava, da geração dele, parece) e, no final, como já era de se esperar, ele alertou: «Isso é apenas conversa, não estou te dando entrevista não, não é?» Como se ele tivesse falado alguma coisa de importante. Ou talvez tenha feito uma brincadeira comigo e eu não percebi.

As turbinas são aquecidas agora. Daqui a pouco esse aparelho começa a correr até subir.

(Em BH, me espera sua carta).

Sabe quem é o comandante desse avião?: Pinto!

Começou a andar. (Boa viagem).

Boeing 737 da Vasp. Tempo de viagem ainda não sei: não falaram. Cintos apertados, cigarros apagados. Muito obrigado.

Longe, do outro lado do mar (aqui é a Ilha do Governador), o Rio está piscando suas infinitas luzes.

Pensei que tivesse mais do cartão. O outro usei p/ anotar coisas q o motorista do táxi falou. Por isso uso esse papel que estava também no bolso do paletó.

Ah, sabe porque o vô está atrasado? Não, errou.

Porque não havia aparelho. Isso mesmo: não tinha avião na hora.

Ainda não decolou: vai ser daqui a pouco. O avião corre, corre muito. Acendeu as luzes. Corre. Olhe a minha letra. Subimos. Uma delícia. Gostoso.

Bom, estou do lado esquerdo do bicho, na janela (vou ver BH iluminada), o Prefeito ficou à direita, mais na frente, com o seu chefe de gabinete. No aeroporto eles apresentaram um documento e não foram revistados. O sujeito olhou minha pasta, que trabalho para fechar novamente, e passou um aparelho detector de armas, fazendo um barulhinho e não encontrou nada em ninguém). (Estou um pouco atrás da asa).

Tempo de vô previsto: 33 minutos. Altitude 7 mil e tantos metros. Velocidade: 900 quilômetros mais ou menos, ou não ouvi bem. Em BH, tempo bom — tudo isso informaram agora (Pinto?).

Pediram também para os passageiros lerem as instruções de segurança. Vou ler. Peraí.

Parece que o tempo lá fora não está bom (talvez eu esteja confundindo o piscar da luz da asa do avião com relâmpagos) mas a verdade é que o aparelho trepidava há pouco. Agora está tranquilo: a minha letra mostra isso, está vendo, meu amor.

Mas se esse trem cair, ótimo. (Outro dia Juçara contou uma ótima. Mineiro quando está esperando o trem fala para a mulher: Arruma os trem, mulher, que já vem a coisa).

Claro que não cai.

Sabe, se eu estivesse com o Gapes aqui e pudesse abrir a janela eu jogava ele lá embaixo, no infinito.

E se você também estivesse aqui, faria a mesma coisa, bobinha.

Te jogava no Além.

Querida, acabei de fazer um lanche que serviram aqui: comida gelada, sem sal, sem gosto algum.

Sinto saudades de você. E olha que ia sair saudades com 1.

Estou com o papel apoiado na mesinha que se forma puxando um suporte. (O tempo está bom, o aparelho voa suave, firme). E eu gosto muito de você.

Vejo lá embaixo (aonde?) luzes (o avião trepidou um pouco — vai olhando a minha letra). O papel está acabando e vou pegar mais.

Uma máquina aqui ajudaria bastante: a você e a mim. Imagino o seu sacrifício de ler esses rabiscos aéreos (olha a letra, que você sabe como está o avião no momento momento — escrito agora também, durante o vôo).

Puxa, meu amor, isso está uma delícia. Gostoso. Minha carta aérea, noturna, finalmente. Logo esta folha termina e vou rasgar outra do bloco onde anotei as coisas no Rio (sobraram poucas), mas falta pouco também para chegar. São exatamente 22 horas, aqui, perto do céu?, neste 22 de setembro de 1976.

O que faço aqui, agora? O que sou eu? Quem? Tudo parece tão maravilhoso. Voando.

Minha imagem reflete na janelinha: tenho os olhos abertos, apesar do sono guardado que estou. Vôo tranquilo agora. Que letra!

As aeromoças vestiram um paletó vermelho grená (isso mesmo?) sobre a blusa estampada. A temperatura é agradávelíssima. Não tirei o paletó. Além.

Vejo agora, um pouco apagadas, as luzes da cidade.

Vamos descer logo. (E sua carta está fechada, me esperando).

Ah, hoje te escrevi duas cartas (além desta — isto é carta?) correndo. A segunda delas provavelmente siga apenas amanhã porque deixei na portaria do hotel, já selada, para eles despacharem — isso depois de seis horas.

Vejo a cidade inteira, linda. Certinha. Linda. Mesmo. O Mineirão aceso. Tem jogo hoje, com certeza. Fiquei do lado esquerdo para ver essa maravilha que agora vejo. O avião está fazendo uma curva, a cidade virou. Quase infinita. Iluminada. Sobrevoamos agora um bairro afastado, de poucas luzes. Iniciamos a descida. Estou chegando, meu amor. Vou ver se pego outra folha. Começaram a tocar música. Aviso: cinto e ñ fumar.

São três e meia. Quando levantei eram duas e cinco e parece que tem um século que estou aqui, lendo esses papéis. Além continua dormindo. A chuva passou.

Acordei assustada, cansada e viva. Olhei pela janela, estava um céu bonito, azul claro meio manchado de nuvens inofensivas. Fiquei ali fazendo hora uns bons minutos até que resolvi levantar-me. Fiz alguns exercícios (no quarto mesmo, apesar de pequeno) peguei a toalha e fui... Eram quase três horas. O que iria fazer? Que falta de programa, até que não, eu é que estava meio esquisita, ensimesmada. Peguei um livro do Omar Khayyam, «Rubaiyat», e comecei a ler. Um pouco monótono achei aqueles versos orientais, falando de vinhos e deuses. Deixei pela metade e peguei V. de Moraes, ele sim é uma revelação. Como eu gosto do Vinícius! Li mais ou menos uma hora. Lanchei (torradas, a D. Nana gosta muito de fazer), vi televisão (um filminho ou seriado, «Os Waltons», contando a primeira experiência, negativa, é claro, de um escritor principiante, e a solidariedade da família para com ele); isso, meio «desligada», observando as mínimas coisas que aconteciam no ambiente onde estava. Um gesto, um suspiro, uma conversa, um olhar, uma pergunta, uma resposta, uma agressão, um pedido, tudo isso era contado. Tudo isso era visto

por mim. Desligada? Força de expressão, quem sabe. Às vezes olhava tanto para uma pessoa (como foi o caso do Ró, o neto da D. Nana, muito meu amigo) que até irritava, inquietava. E olha que não sou de fitar muito as pessoas, mesmo aquelas que já me são familiares. Entrava, saía, pegava o telefone, tornava a colocar no gancho. Não me lembrei nem uma vez de você (o que é quase impossível!). Ria de tolices como o Gapes (como eu gosto deste gatinho) tentando puxar a cortina e levando um tombo atrás do outro. Peguei umas três apostilas pra estudar (estudar?) e acabei fazendo uma coisa completamente diferente, como ouvir as infundáveis histórias e lendas do Sinhô; é um velho interessante, que vive de jogar dama, fumar (2, 3 maços/dia), fazer algum servicinho caseiro como consertar uma fechadura, uma torneira, preocupar-se com a demora da água etc.; e lembrar do tempo em que corria pelo campo reunindo o gado, olhando a plantação, o engenho (era ele um fazendeiro lutador). Mas não é do sinhô que quero agora falar.

— Senhor, diz a noiva, antes que tome logar, a meu lado, n'aquelle leito, onde a lei lhe confere o direito de entrar, mas d'onde o sentimento dos seus interesses bem comprehedidos deveria afastal-o para sempre, é dever meu dirigir-lhe algumas palavras, que talvez não deixem de ter influência na natureza da nossa proxima intimidade.

— Hein? exclama o noivo.

(«A Noiva», em **Monstros Parisienses**,  
Catulo Mendés — Guimarães & C.a — Editores  
Lisboa — 1909).

Li esse livro há muitos anos, acho que o tenho ainda escondido em algum lugar naquela estante desarrumada como todos os meus papéis, no quarto de Manhã. Copiei alguns trechos e desse livro também gosto muito:

**Os Borrachos,**

Silva Guimaraens, Ty. Athene, 1921

Avenida Affonso Penna, 328 — Bello Horizonte

Foi em maio, pela volta do gado de labor á palha das primeiras colheitas, e pelo corte de um arrozal enorme, enorme, que abarrotou os paiões e como o qual, em memória dos negros, nunca se havia plantado em Palmares — descommunal recolta, onde a boiada toda, já sentida da arrotéia, emmagreceu, e até morreu um escravo da lavoira do vargedo paludoso às inundações do açude — que Venancio teve a derradeira alegria de sua vida, uma alegria immensa!

Foi pela ceifa do arrozal...

**«Venanço».**

Impressiona-me até hoje esta foto de jornal que agora olho. Um atleta ergue o troféu de campeão, sorri. Atrás dele várias pessoas olham para o troféu: um rapaz de óculos tem os olhos fixos no alto, à esquerda do atleta. À direita aparece o sorriso claro de uma negra que o braço do campeão cobre os olhos. E, no arco formado pelo braço direito erguido e a cabeça do atleta, dois olhos se destacam: um direito e outro esquerdo, de pessoas diferentes. O olho esquerdo é o mais aberto deles: o alvo é o mesmo de todos: o troféu no alto: que pouco se pode ver.